

Vocação sacerdotal e fragilidade humana

Por: Maria Clara Bingemer

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) está reunida em assembléia nacional por dez dias, em Itaiaci (SP). O tema central que ocupará alguns dos dias dos líderes da Igreja Católica em nosso país é a vida e a missão do presbítero, ou seja, do sacerdote, ou como mais comumente costumamos falar, do padre.

Um presbítero é alguém que, plenamente humano, recebe um chamado, uma vocação, que o separa dentre os seres humanos e o constitui em favor desses mesmos seres humanos para anunciar a Palavra, celebrar o culto, construir a comunidade e ser administrador e dispensador dos mistérios de Deus.

Entre os compromissos assumidos por aquele chamado por Deus a essa vocação está o de não contrair matrimônio nem constituir família. Ou seja, o presbítero, em virtude de sua vocação e missão, assume no momento de sua ordenação o compromisso de permanecer celibatário e casto pelo resto de sua vida.

A pesquisa encomendada pela própria CNBB sobre como anda a vida dos padres católicos no Brasil revela alguns dados que preocupam a Igreja, impressionam a opinião pública e ocupam a atenção da mídia. Segundo a pesquisa, mais de 40% dos presbíteros já tiveram relações sexuais com mulheres, sem deixar, no entanto, o sacerdócio para constituir família. O dado estatístico levanta diversas perguntas: o celibato em nossos dias tem ainda razão de ser? Em uma sociedade tão erotizada como a nossa, não será uma falta de sentido da realidade insistir em uma norma que é transgredida em alta proporção? Por que homens corretos e religiosos não podem sentir e responder à vocação sacerdotal sendo simplesmente casados e pais de família? Por que essa exigência tão dura de um compromisso de celibato para a vida toda?

Creio que aqui não cabem as tradicionais respostas "funcionais", tais como: o padre não se casa para ter mais tempo para o ministério. Ou para estar mais disponível para atender às pessoas que o procuram. Ou para poder guardar melhor o segredo da confissão sem ser ameaçado pela presença constante da mulher ao seu lado. Parece-me que nada disso procede, ou pelo menos não vai ao cerne do problema. Ainda mais nos dias de hoje, quando vemos cada vez mais leigos, homens e mulheres, que se dedicam integralmente ao serviço da Igreja, dando o melhor de suas forças, tempo e energias. O celibato do padre não pode ser apenas um elemento de uma distorcida visão de sua vocação e ministério enquanto mero "funcionário do sagrado".

A única ótica pela qual o celibato sacerdotal faz sentido é a do amor. Pois é de amor que se trata quando um homem sadio, em plena posse de suas faculdades físicas, mentais e afetivas, decide atender ao chamado de Deus e bater na porta do seminário pedindo a ordenação sacerdotal.

Este homem só pode estar apaixonado. Só pode haver encontrado na vida um amor tão total e radical, que ocupa todo o espaço de sua pessoa e de seu coração. Inteiramente tomado e conquistado por esse amor, que lhe pede tudo, sua vida inteira, sente então que faz sentido renunciar a positivas e legítimas alegrias humanas - entre elas a realização afetiva do matrimônio e da família - para assumir o ministério sacerdotal.

No entanto, e apesar da graça imensa que recebe e que o "escolhe" e o põe à parte do meio dos homens, este homem continua sendo humano, e portanto frágil, pecador, passível de

erros, falhas e desvios de personalidade. Precisará ser ajudado a perceber suas lacunas afetivas, suas carências e mesmo suas enfermidades. Necessitará de auxílio para discernir se sua voca o   verdadeira ou se, ao contrário, será melhor para ele e para os outros que procure outro caminho em sua vida. E aqueles ou aquelas que foram vítimas de seu pecado e seu desvio deverão ser muito concreta e carinhosamente amparados pela Igreja, responsável toda ela pelas quedas e falhas de seus membros.

A graça de Deus torna ninguém super-pessoa. Pelo contrário, se visibiliza e brilha mais intensamente ali onde a fragilidade e a fraqueza humanas são maiores e mais profundas.   a , e somente a partir da , que se pode e deve examinar e compreender o sentido do celibato sacerdotal. A partir do amor que   mais forte que o pecado e a morte, e que   feito não só de exigências e artificiais perfei es, mas também de perdão e compaixão extremas, que amparam e levantam aquele que caiu. Santa e pecadora, a Igreja repousa somente sobre a santidade de seu Senhor para poder ser no mundo sinal de salva o. A voca o ao celibato vivida por pessoas frágeis e pecadoras faz parte desse grande mistério. Portanto, não   motivo de escândalo, mas sim de a o de graças.